

Sara Busquet

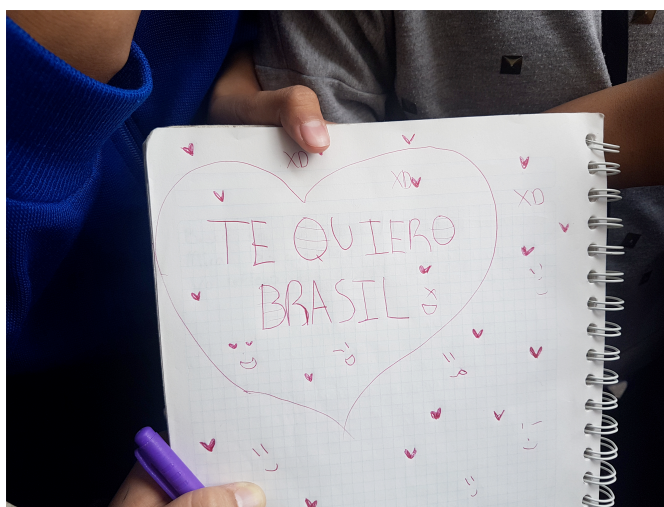
Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

Filosofía para Niñas y Niños: pensando com uma experiência pedagógica

Em julho de 2017, participei do VIII Encuentro Iberoamericano de colectivos y redes de maestros y maestras, educadores y educadoras que hacen investigación e innovación desde su escuela y comunidade na cidade de Morelia (estado de Michoacán), no México. Neste evento foram organizadas Rotas Pedagógicas, por professoras pesquisadoras e professores pesquisadores de redes educativas, em estados do México para que os envolvidos com o evento participassem. Escolhi, para participar, a Ruta Pedagógica Valle de México - En el ombligo de la luna - Investigar para la transcendencia del ser.

Em um dos dias da Rota Pedagógica, visitamos na parte da manhã a Escuela Municipal Primária "Lic. Benito Juárez". Fomos recebidos com muita alegria! Cada turma estava com várias bandeiras de cada país que participava da rota pedagógicas, feitas pelas



crianças. Após a fala de uma das professoras (que é dessa escola e estava na organização da rota pedagógica), as crianças começaram a pedir

autógrafos para nós. Confusa com tanta alegria e admiração pelo Brasil, fiquei conversando com as crianças... tiramos fotos, escrevi (em português) em seus cadernos.

Após esse momento, tomamos café da manhã na escola e depois nos dividimos em grupos, para conhecermos como as professoras do primário (equivalente ao Ensino Fundamental I do Brasil) trabalham filosofia em suas aulas.

A experiência pedagógica de "Filosofía para Niños", através das comunidades dialógicas, são espaços do pensamento e sentimento das/dos estudantes para desenvolverem a argumentação e pensamento crítico em coletivo. Pensando com Freire (2014), que assim como a libertação, a educação também acontece em comunhão. Os homens (e mulheres) se educam em comunhão. Ao contrário da educação bancária, onde existe um ser (professor/a) que "educa" impondo seus saberes, conhecimentos e valores.

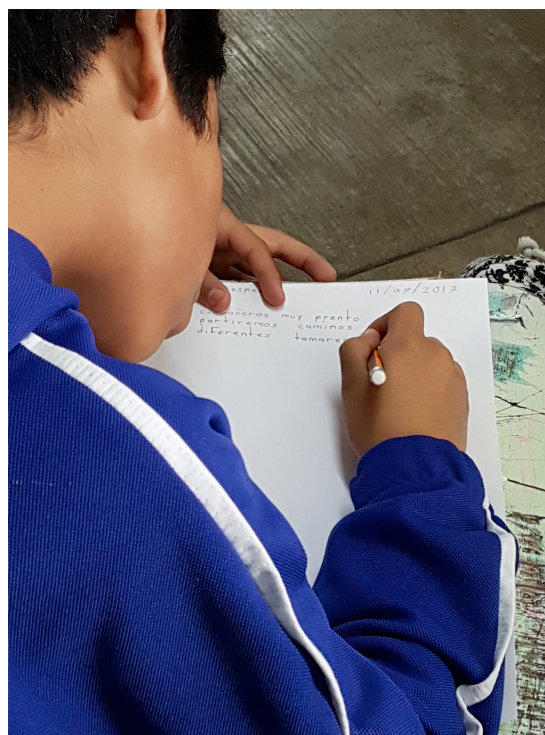


Percebi que, enquanto estávamos na sala, durante a atividade de filosofia, as crianças eram instigadas sempre a investigarem, pensarem, refletirem. Na atividade em roda, o grupo precisava descobrir em coletivo qual o objeto que estava dentro

de uma caixa. Cada um(a) falava o que achava que tinha na caixa e dava o argumento que achava que seria o motivo do objeto estar ali. A professora também fazia perguntas para o grupo pensar sobre o que poderia estar ali. Na turma em que estava, o tema que as/os estudantes estavam mais envolvidas(os) era sobre sair do 5º ano e ir para o 6º ano. A professora colocou um 'capelo' para simbolizar isso. Ao conseguirem descobrir o objeto em questão, as crianças começaram a pensar no que as

esperariam no próximo ano e no que isso iria refletir em suas vidas e na sociedade. As/Os estudantes pensavam juntos e mediatizados pelo mundo, e assim aprendiam. Ao final do diálogo, escreveram poemas com o que pensaram juntos.

O diálogo, segundo Freire (2014), é o canal pelo qual existimos humanamente. Naquela sala de aula, pude ver estudantes e professoras aprendendo juntos sobre algo que era importante para eles no momento e



que os fizeram pensar em suas vidas e na sociedade. No diálogo as pessoas se encontram, *mediados* pelo mundo para pronunciá-lo. Pensando nessa perspectiva, não há diálogo se não há uma intensa fé nos homens (e nas mulheres) e confiança. Fé no seu poder de fazer e refazer, criar e recriar. Fé na vocação de ser mais, que é direito de todas as pessoas. De acordo com Freire (2014), é necessário nos unirmos, para conseguirmos a libertação.

Referência

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 57ª ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

Sobre a autora:

Sara Busquet possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação “Processos Formativos e Desigualdades Sociais” da FFP/UERJ, bolsista de mestrado da FAPERJ e membro do Coletivo “Diferenças e Alteridade na Educação” da FFP/UERJ.

